

**LUNA, Francisco Vidal & COSTA, Iraci del Nero da. Profissões, atividades produtivas e posse de escravos em Vila Rica ao alvorecer do século XVIII. *Minas Colonial: Economia e Sociedade*. São Paulo, FIPE/PIONEIRA, p. 57-77, 1982 (Estudos Econômicos FIPE-PIONEIRA).**

# PROFISSÕES, ATIVIDADES PRODUTIVAS E POSSE DE ESCRAVOS EM VILA RICA AO ALVORECER DO SÉCULO XIX.

Francisco Vidal Luna  
Iraci del Nero da Costa

## 1. VILA RICA NO INÍCIO DO SÉCULO XIX.

Parece-nos necessário, antes de abordarmos o tema em foco, esboçar o perfil de Vila Rica, como se revelava no início do século XIX. Para tanto, servir-nos-emos das crônicas de quatro viajantes europeus: Auguste de Saint-Hilaire (visitou-a em dezembro de 1816); John Mawe (ali esteve por volta de 1809); João Maurício Rugendas (a conheceu nos primeiros anos do segundo quartel do século XIX); e, finalmente, W. L. Eschwege (chegou a Minas em 1811, residiu por vários anos em Vila Rica e a deixou em abril de 1821 para encetar viagem de retorno à Europa) (1).

O quadro desta área mineira revelava-se desolador no início do século XIX. Superada a "febre" do ouro, a economia estagnara-se e ocorria franca recessão populacional. Nos arredores de Vila Rica descortinavam-se campos desertos, sem lavouras ou rebanhos. Dos morros, esgaratados até a rocha, havia-se eliminado a vida vegetal; neles restavam montes de cascalho e casas, a maioria das quais em ruínas.

A pobreza dos habitantes remanescentes, a existência de ruas inteiras quase abandonadas provocavam imediata admiração nos visitantes da urbe. Das duas mil casas, um número considerável não estava ocupado, o aluguel mostrava-se cadente, nas transações imobiliárias observava-se notável queda de preços. A população, que atingira, como atesta Saint-Hilaire, 20.000 pessoas, estava reduzida a 8.000; tal redução no número de habitantes teria sido ainda maior não fosse Vila Rica a sede da Capitania, centro administrativo e residência de um regimento.

A acompanhar a decadência geral, também a assistência educacional e hospitalar deteriorava-se. O Seminário de Mariana, fundado por mineiros ricos para educar seus filhos sem que fosse necessário enviá-los à Europa, não conseguia sobreviver à crise: as terras que a entidade possuía esgotaram-se, os escravos morreram; os mineradores, cuja riqueza minguara, não mais podiam sustentar o educandário. Segundo Saint-Hilaire "era o momento de as autoridades eclesiásticas e civis se reunirem para vir em socorro de um estabelecimento tão útil à província [...] porém [...] achou-se mais cômodo fechar o seminário" (2).

O mesmo autor deplorava, ainda, o fato de -- numa capital onde despendera-se grande soma de dinheiro na ereção de templos religiosos -- o único hospital ser mantido pela Irmandade da Misericórdia, sem apoio governamental (3).

A atividade manufatureira, proibida durante largo espaço de tempo, revelava-se tímida. Existiam na Vila e suas proximidades tão-somente a manufatura de pólvora, pertencente ao governo, e uma fábrica de louça, estabelecida a pequena distância de Vila Rica.

Ao que parece, o comércio e atividades artesanais compunham os elementos de

sustentação econômica da urbe. Conforme John Mawe, poucos habitantes, exceto os lojistas, tinham com que se ocupar; as casas comerciais, voltadas para a venda dos produtos da área, revelavam-se pobres e eram pouco numerosas. Existia quantidade substancial de artesãos: alfaiates, costureiras, sapateiros, latoeiros, seleiros etc.

Por outro lado, a lavoura -- atividade a ressurgir -- não se desenvolveu, em decorrência, ao que parece, do despreparo e da mentalidade do colonizador. Não devemos afastar, aqui, o provável eurocentrismo que informava as opiniões dos viajantes estrangeiros no referente às críticas tecidas aos coloniais (4). Segundo tais visitantes, o desemprego em Vila Rica decorria do desprezo dos habitantes pela "bela região que os cerca"; as terras, se devidamente cultivadas, compensariam com generosidade o esforço despendido. Conforme diagnosticaram, a educação, hábitos e preconceitos hereditários tornaram os coloniais inaptos para a vida ativa. A perspectiva do enriquecimento súbito, devido ao acaso, teria operado no sentido de afrouxar a capacidade produtiva. Por outro lado, ter-se-ia mostrado generalizada a incapacidade gerencial dos donos de escravos. Segundo John Mawe: "Os negros constituem sua principal propriedade e ele os dirige tão mal que os lucros do trabalho deles raramente compensam as despesas de sua manutenção; com o decorrer do tempo tornam-se velhos e incapazes de trabalhar; ainda assim o senhor continua a viver na mesma negligência e na ociosidade [...]. Esta degeneração deplorável constitui o traço característico da maior parte dos descendentes dos primeiros colonos; todas as espécies de indústria estão nas mãos ou dos mulatos ou dos negros; estas duas classes de homens parecem exceder em inteligência a seus senhores, porque fazem melhor uso dessa faculdade" (5).

Ainda conforme Mawe, a área oferecia condições favoráveis a várias culturas: pereira, oliveira, amoreira, vinha, milho e trigo; o gado, por sua vez, se bem tratado e fornido de alimentação adequada, propiciaria o estabelecimento de promissora indústria de laticínios.

Nosso propósito não é apresentar o balanço minucioso das causas da decadência econômica desta área mineratória. No entanto, permitimo-nos, como mera conjectura, arrolar os principais condicionantes do aludido recesso. A nosso ver, o empobrecimento da região em apreço deveu-se a um conjunto de fatores. À exaustão dos depósitos mais ricos de ouro (6) somaram-se a relativa adversidade do meio físico; a inexistência de mercados significativos e boas vias de transporte (7); o despreparo no que se refere a técnicas mais sofisticadas para trabalhar o solo, bem como a mentalidade do colonizador, que desprezava o trabalho manual e rotineiro.

Nesse quadro movimentavam-se, ao final do século XVIII e início da décima nona centúria, os ouro-pretenses, dos quais analisaremos a estrutura populacional segundo profissões, atividades produtivas e posse de escravos. Para cumprir tal mister utilizamos os dados empíricos revelados por Herculano Gomes Mathias (8), relativos ao levantamento populacional efetuado em Minas Gerais em 1804; o autor deu a público as listas referentes à área que corresponderia, na atualidade, ao perímetro urbano de Ouro Preto (9). Na obra em pauta observou-se rigorosamente o conteúdo e disposição formal correspondente aos códices que lhe deram origem. O autor restringiu-se a algumas observações qualitativas e a apresentar dados quantitativos genéricos, sem tratamento estatístico minucioso. Relacionou os distritos de Antônio Dias, Ouro Preto, Alto da Cruz, Padre Faria, Cabeças e Morros.

Conforme as normas vigentes na época, efetuou-se o levantamento em termos de residências; apesar de as informações variarem de acordo com os responsáveis pelo recenseamento, a nota acrescentada pelo Capitão de Distrito Luís José Maciel -- o primeiro a encerrar o arrolamento -- dá-nos idéia clara dos dados em foco: "Em cada uma

das casas que vai separadamente com duas linhas vai primeiro o cabeça de casal e depois toda a mais família com as idades, pouco mais ou menos que pude alcançar e ofícios, e ocupações que tudo vai declarado nas suas competentes casas. No meu Distrito não há negociantes nem agricultores que façam extrações de gêneros, até as vendas que lá se acham são as chamadas dos gêneros da terra. Os mineiros, e faiscaidores vão anotados nas suas casas aonde aí se vê a escravatura, que cada um possui, suas qualidades e idades. Isto é o que a minha diligência pôde alcançar que pessoalmente andei correndo o Distrito na forma da Ordem" (10).

Fato lamentável, o qual reportamos desde logo, refere-se à cor e à condição de forro. Conforme pudemos verificar -- baseados no confronto entre os dados censitários e os registrados nos códices da Paróquia de Antônio Dias -- houve, por parte dos responsáveis pelo levantamento populacional, número imponderável de omissões relativas tanto à cor quanto à situação de forro. Destarte, encontramos quantidade substancial de africanos para os quais não se registrou o posicionamento de forros (explicitado nos códices aludidos). Por outro lado, para os crioulos (negros nascidos no Brasil) verificamos faltar tanto este qualificativo quanto o relativo à condição de libertos. Tais eventos impediram ou limitaram as análises correspondentes à cor e aos forros.

A análise das atividades produtivas, da estrutura profissional e da posse de escravos aparece como elemento do mais alto interesse para o entendimento das características econômicas das comunidades escravistas.

A distribuição dos indivíduos quanto a posicionamento social, sexo, cor e setores produtivos revela-se subsídio indispensável ao conhecimento dos processos de integração econômica e divisão do trabalho; permite-nos, igualmente, estabelecer o delineamento do quadro da vida material das sociedades estudadas.

Por outro lado, o papel desempenhado pelos indivíduos e grupos populacionais mostra-se fundamental para o entendimento da história das comunidades, pois, além de permitir a visão do momento pesquisado, dá-nos elementos do processo pretérito que o estruturou e sugere-nos as linhas básicas explicativas do desenvolvimento ulterior do corpo social.

Esta ordem de razões fundamenta a análise ora empreendida com referência à qual se fazem necessárias algumas qualificações preliminares. Coloca-se, desde logo, o problema representado pela massa escrava (11). Entendemos ser errôneo desconsiderá-la no estudo das atividades produtivas; no entanto, imperioso é o fato de aparecer, no censo em pauta, numeroso contingente de cativos cuja única qualificação era a de prestarem-se aos "serviços domésticos" (12). A própria ambigüidade do termo, com respeito às possíveis tarefas que cabiam a estas pessoas, levou-nos a excluí-las desta parte de nossa análise. Por outro lado, a simples indicação "escravo" sem qualquer outro qualificativo impede-nos, como é evidente, a inferência de que tais elementos desempenhassem atividades homogêneas no largo espectro de atribuições produtivas da sociedade mineira.

Tais ponderações levaram-nos a considerar, no referente às profissões, apenas os escravos para os quais foram explicitadas atividades concretas. Destarte, computamos somente os cativos para os quais se indicou, inequivocamente, ocupação específica (13).

Lembramos ainda, com o objetivo de evitar qualquer mal-entendido quanto às conclusões deste trabalho, que da massa total da população de Vila Rica, em 1804, pouco menos de um terço (31,39%) constituía-se de escravos. Estes cativos, certamente, suportavam o

peso maior das atividades econômicas da urbe; no entanto, apenas tomamos em conta 171 deles, vale dizer, 6,14% do número total de escravos (14). Em contraposição, consideramos 25,21% dos livres: 1.534 indivíduos livres para os quais constou a ocupação. Caso tomássemos os percentuais em relação aos indivíduos em idade ativa (faixa etária dos 15 aos 64 anos), as cifras não se veriam substancialmente alteradas: 6,19% para escravos e 25,70% relativa aos livres.

Estamos, portanto, a tomar apenas parte dos membros ativos da comunidade. A lacuna maior, evidentemente, refere-se aos cativos que em sua maioria esmagadora (com exclusão apenas daqueles de tenra idade, dos incapazes e dos que apresentavam idade propecta) deveriam estar integrados ao processo produtivo.

Cabe-nos notar, ainda, que algumas das atividades econômicas acusadas no censo de 1804 não puderam merecer maiores cuidados de nossa parte dada a ambigüidade da terminologia utilizada pelos recenseadores. Deste rol figuram atividades como: "vive de sua agência" e "homem particular", por nós qualificadas como "indeterminadas. Também computamos à parte -- por não se referirem a atividades propriamente ditas -- as seguintes atribuições: "estudantes", "vive do aluguel de suas casas", "do jornal de seus escravos". Por outro lado, estudamos, em separado, os mendigos e aquelas pessoas ditas "pobres" ou qualificadas como a "viver de esmolas".

Por último, cabe notar que as atividades foram enquadradas nos três setores econômicos básicos classicamente distinguidos pelos economistas: primário, secundário e terciário. Temos consciência da artificialidade implicada na utilização deste procedimento taxionômico -- ideado para sociedades industriais amadurecidas -- à economia colonial brasileira. O pecado maior parece consistir no enquadramento, no setor secundário, de atividades caracteristicamente artesanais -- como é sabido faltavam-nos tanto as manufaturas como as indústrias, típicas de estágios econômicos mais avançados. Por outro lado, a baixa integração da economia colonial brasileira, a divisão do trabalho -- estabelecida, sobretudo, em bases estamentais -- e as formas de se remunerar o trabalho e distribuir a renda, próprias da sociedade patrimonialista então vigente, mostram-se como elementos a descaracterizar o setor secundário e, principalmente, o terciário.

Apesar dos fatores restritivos apontados, justifica-se, por dois motivos, a categorização setorial aludida; em primeiro lugar, por nos permitir uma perspectiva mais agregada (globalizante) das atividades então existentes e, em segundo lugar, por prestar-se utilmente a confrontos entre as várias "economias" do Brasil Colônia.

Como sabido, o processo de povoamento verificado nas Gerais apresentou características próprias; do ponto de vista da urbanização tratava-se de um fenômeno novo na Colônia. Voltada precipuamente à atividade exploratória, a população -- quase toda concentrada nos povoados que se organizavam junto às catas -- ficava na dependência do fornecimento de produtos de subsistência por parte de outras áreas; estas passavam, pois, ao papel de dependentes das Gerais, que se constituíra um mercado urbano vigoroso. Segundo Nestor Goulart, "sua rápida atuação como agente dinâmico do processo de urbanização determinaria, já na segunda década do século XVIII, a elevação de oito povoações à categoria de vilas" (15).

Gilberto Freire, por seu lado, assim realça o caráter específico do tema em pauta: "Minas Gerais foi outra área Colonial onde cedo se processou a diferenciação no sentido urbano. Nas minas, o século XVIII é de diferenciação intensa, às vezes em franco conflito com as tendências para a integração das atividades ou energias dispersas no sentido rural, Católico, castiçamente português" (16).

Vemo-nos, pois, frente a um feixe de problemas: vida urbana característica, diversificação

de atividades, marcante presença do Estado, maior flexibilidade social, economia mais fortemente integrada, estabelecimento de interdependência regional e conseqüente estruturação de significativo mercado interno. Estes elementos articularam-se peculiarmente e deram origem a um sistema complexo do qual nos interessa salientar dois aspectos fundamentais: o caráter urbano da formação mineira e o diversificado conjunto de atividades econômicas, em geral, e artesanais, em particular, desenvolvidas na área em apreço. A sociedade mineira, como já frisamos, "distingue-se da de outras áreas. Nas agrícolas, impõe-se a dicotomia de senhores e escravos, com mínimas possibilidades para os grupos médios. Que se desenvolvem inicialmente em Minas, pela diversificação econômica que leva a uma agricultura de subsistência, a atividades artesanais e manufatureiras, a comércio intenso, que tudo tem que ser comprado. Não há aqui a auto-suficiência das fazendas, de modo que o comerciante é indispensável. O mesmo motivo -- economia mineratória -- explica o processo de urbanização, em Minas mais intenso que no resto do país" (17).

"Já se desenvolvera, no afã mineratório, uma fisionomia mais próxima do urbano em Minas do que nas outras capitanias. Daí um quadro mais diversificado de atividades, com maiores perspectivas de acesso a todos e menos discriminação entre setores: mais possíveis os grupos médios, conseqüentemente com o funcionalismo, os artesãos, os comerciantes -- elementos indispensáveis à sociedade que se desenvolvera com a mineração.

"O caráter urbano da formação mineira é mesmo outra nota distintiva da Capitania. Enquanto em regiões como o Rio, Bahia ou Pernambuco a exploração de certo produto formava pequeno grupo em torno da fazenda, grupo que crescia lentamente, em Minas os agrupamentos humanos apresentavam logo certa densidade" (18).

Colocado este exaustivo panorama geral, passemos à análise concreta dos dados empíricos que nos ocupam.

## **2. ESTRUTURA POPULACIONAL. CONSIDERAÇÕES GENÉRICAS.**

Os habitantes de Vila Rica somavam 8.867 indivíduos em 1804. Predominavam, numericamente, os livres e forros (68,61%) enquanto os escravos e quartados (cativos que estavam a comprar a liberdade) representavam pouco menos de um terço da população total (31,39%). Os agregados correspondiam a 16,14% dos livres.

Quanto ao sexo, verifica-se preponderar, à época, o feminino: 51,13% contra 48,87% de elementos do sexo masculino. Fato significativo refere-se à discrepância do peso relativo dos sexos entre escravos e livres. Para os primeiros dominavam os homens, 57,99%, contra apenas 44,69% dentre os segundos. A razão de masculinidade concernente aos escravos (138,07 homens para 100,00 cativas) explica-se pelas próprias características do destino que se lhes dava: o trabalho mineratório, a exigir, preferencialmente, mão-de-obra masculina. Para os livres a razão de masculinidade correspondia, apenas, a 80,80 -- vale dizer contávamos 80,8 homens para cada grupo de 100 mulheres. Esses resultados rompem o relativo equilíbrio existente entre os sexos se considerada a população total, na qual computamos 95,56 homens para 100 indivíduos do sexo oposto. Infere-se, do acima posto, ter predominado, no processo de excisão populacional por que passava a área, o elemento masculino.

Os ouro-pretanos distribuíam-se pelos seis distritos já mencionados. Nos dois mais populosos -- Ouro Preto e Antônio Dias -- concentrava-se 50,77% da população, 48,13% dos livres e 56,56% dos cativos. Neste núcleo principal centralizava-se a vida

administrativa, militar e religiosa da urbe. Estas duas unidades distritais assemelhavam-se, ainda, pela estratificação de seus moradores e com respeito ao peso relativo dos sexos. Dos residentes em Antônio Dias, 68,20% constituíam-se de livres enquanto no Ouro Preto 63,81% de indivíduos pertenciam a igual estrato; neste último distrito a razão de masculinidade dos livres alcançava 84,68, muito próximo da prevalente em Antônio Dias: 84,20.

Com respeito ao posicionamento social encontramos maior parcela de livres no Alto da Cruz (77,85%), Padre Faria (73,35%) e Morro (73,20%). Fato a merecer realce diz respeito à razão de masculinidade dos livres verificada nestes distritos: 70,27; 67,53 e 81,73, respectivamente. Neles apresentaram significativo peso relativo ocupações tradicionais ou em decadência -- fiscoiros, mineradores e roceiros -- o que, a nosso ver, se pode tomar como um dos elementos explicativos das relações acima anotadas. Outra observação pertinente diz respeito ao distrito do Morro. Esta unidade apresentava uma das mais altas razões de masculinidade para os escravos (188,33); ora, justamente neste distrito predominavam os mineradores e fiscoiros. Tais atividades, como já avançamos acima, exigiam, prioritariamente, mão-de-obra masculina, fato que, a nosso ver, aparece como poderoso elemento explicativo da alta razão de masculinidade observada para os escravos.

Por fim, a ocupar posicionamento intermediário em relação às demais unidades analisadas, aparece o distrito das Cabeças. Nele residiam 15,82% dos habitantes de Vila Rica; 66,86% dos seus moradores compunham-se de livres, a razão de masculinidade correspondia a 85,37. Estes indicadores, cujos valores se aproximam muito dos verificados em Antônio Dias e Ouro Preto, parecem condicionar-se pela dominância de atividades artesanais, das quais decorria o relativo "equilíbrio" populacional. No correr do estudo vertente ocupar-nos-emos das profissões e atividades econômicas e aduziremos novos argumentos para complementar as idéias aqui expendidas.

Parece-nos lícito, à vista do exposto, avançar algumas conclusões. No processo emigratório, claramente identificado, predominava o elemento masculino do estrato correspondente aos livres. O núcleo principal da urbe, acompanhado pelo distrito das Cabeças, apresentou-se menos erodido pelo movimento de expulsão populacional decorrente da decadência da atividade exploratória. Por outro lado, nos distritos em que predominavam as atividades tradicionais -- em recesso -- verificou-se maior percentual de livres e apresentou-se mais significativa a excisão da parcela masculina dos habitantes, a demandar novas áreas do território colonial.

### **3. ESTRUTURA POPULACIONAL SEGUNDO PROFISSÕES E ATIVIDADES PRODUTIVAS.**

A corresponder ao caráter tipicamente urbano de Vila Rica cabia papel pouco significativo ao setor primário -- ele absorvia, apenas, 7,04% dos indivíduos. Correlatamente, as atividades vinculadas aos demais setores revelavam grande peso relativo.

O secundário aparecia com preeminência -- nele colocavam-se 53,61% das pessoas --, as atividades relacionadas ao setor terciário, também em concordância com as características citadinas da urbe, ocupavam posição de realce -- a ele correspondiam 39,35% dos elementos computados.

Quanto à distribuição segundo o sexo, evidenciou-se a predominância dos homens --

78,41% contra 21,59% do sexo oposto.

Tomadas isoladamente, verificou-se não haver disparidade muito acentuada (exclusiva para o setor primário) nas distribuições de homens e mulheres segundo os setores considerados. Assim, do total dos homens, 5,16% vinculavam-se ao primário, 54,60% ao secundário e 40,24% ao terciário. Para o sexo oposto as cifras correspondentes foram 13,86%, 50,00% e 36,14%.

Evidentemente, estas cifras não permitem a inferência de que as mesmas atribuições coubessem a homens e mulheres. Como veremos adiante, ao estudarmos as várias atividades afetas a cada setor, existiam marcadas diferenças de natureza entre as ocupações correspondentes a cada sexo.

Por outro lado, observam-se significativas discrepâncias quanto à participação de homens e mulheres nos setores aludidos, quando computados, em conjunto, ambos os sexos. Enquanto no primário ocorria relativo equilíbrio entre os sexos -- 57,5% de homens contra 42,5% de elementos do sexo oposto --, no secundário a divergência revelava-se de grande monta -- 79,87% de indivíduos do sexo masculino face a 20,13% de mulheres. Com respeito ao terciário verificava-se discrepância igualmente acentuada: 80,17% de homens versus 19,83% de mulheres. Evidentemente, os diferenciais apontados devem-se, sobretudo, aos números absolutos de indivíduos de cada sexo, vale dizer, ao maior contingente de homens.

O parcelamento da população segundo o posicionamento social -- livres e escravos -- permite-nos verificar que, tomadas as duas categorias isoladamente, existia franco desequilíbrio nos setores primário e terciário. Assim, 20,47% dos cativos vinculavam-se ao primário enquanto apenas 5,54% dos livres aí se colocavam; por outro lado, 40,74% de livres enquadravam-se no terciário e apenas 26,90% dos escravos ocupavam posição idêntica. Quanto ao secundário o equilíbrio mostrava-se patente (19).

Analogamente ao caso anterior, em que distribuímos a população segundo o sexo, as discrepâncias -- devidas ao maior contingente de livres face ao número de escravos -- revelam-se altamente significativas quando computamos conjuntamente os dois estratos sociais. Os livres -- largamente majoritários no primário (70,83%) -- praticamente monopolizavam o secundário (90,15%) e o terciário (93,14%), independentemente, como já notamos, da natureza das funções desempenhadas.

Passemos ao estudo, em termos de condição social e sexo, das atividades pertinentes a cada setor.

No primário encontramos as mulheres a predominar entre os roceiros, lavradores e hortelãos, 51 mulheres contra 27 homens. Entre os lenheiros, por outro lado, encontramos apenas indivíduos do sexo masculino. Com respeito à distribuição segundo o posicionamento social, verificou-se que os livres compunham a maioria esmagadora dos lavradores, roceiros e hortelãos -- em 78 indivíduos aí enquadrados encontramos apenas 1 cativo. Quanto aos lenheiros a situação inverte-se, pois predominavam os escravos na razão de 5 para 1.

Com referência ao secundário, em termos de sexo, verificou-se ampla especialização -- as mulheres ocupavam-se de reduzido número de atividades. Ao mesmo tempo, algumas atribuições cabiam exclusivamente às pessoas do sexo feminino. Destarte, pouco menos de dois terços das mulheres vinculadas ao setor em tela apareciam como costureiras e fiandeiras, mais da metade delas eram costureiras. Exerciam, de maneira exclusiva, as seguintes atividades: costureiras, doceiras, fiandeiras e rendeiras. Quanto às atribuições

que partilhavam com os homens podemos distinguir dois grupos; o primeiro englobava atividades nas quais as mulheres predominavam -- padeiros e tecedeiras --, no outro cabia preeminência aos homens -- tintureiros, mineiros e faiscadores. Quanto às duas últimas, cabem algumas considerações. Em primeiro, deve-se observar seu grande peso relativo -- cerca de um quarto (24,94%) dos indivíduos de ambos os sexos (vinculados ao setor em análise) nelas enquadrava-se. Ainda em termos relativos, havia predomínio das mulheres -- 30,43% (ou seja, 56 em 184), sobre elementos do sexo oposto, 23,57% (172 em 730). Com respeito ao número absoluto a preeminência estava com os homens (172 versus 56) segundo a razão de 3,33 relativamente aos faiscadores e de 2,47 quanto aos mineradores.

Outro fato marcante diz respeito à maior presença de faiscadores (169) *vis-à-vis* os mineradores (59). Estes números por si mesmos -- como observou Caio Prado Júnior -- atestam a decadência da exploração aurífera em Vila Rica.

Restavam, por fim, as ocupações exercidas exclusivamente pelos homens, em número de 33. Essa cifra representa a maioria das atividades do setor. Caracterizavam-se pela especialização exigida para seu desempenho -- armeiros, funileiros, fundidores etc. -- e/ou pelo maior esforço físico requerido -- capineiros, ferradores etc. -- e/ou pelo tradicional relacionamento estabelecido entre algumas atividades e o sexo -- por exemplo, alfaiates de um lado, costureiras por outro (20).

Como se verifica na Tabela 3 colocada adiante havia larga diversidade de ocupações. Dentre elas ocupavam papel de realce os alfaiates (113), carpinteiros (69), ferreiros (48), latoeiros (51) e sapateiros (145); conjuntamente, as ocupações acima enumeradas absorviam mais da metade (58,36%) dos homens relacionados no secundário.

Com respeito ao posicionamento social observou-se apenas uma atribuição exercida exclusivamente por escravo (esteireiro). Predominaram as atividades exclusivas de livres (em número de 28), enquanto 13 desempenhavam-nas tanto livres quanto cativos. Estes últimos, em termos absolutos, apenas exerciam majoritariamente a função de capineiro - certamente das mais árduas. Por outro lado, vemo-los representados entre os alfaiates, carpinteiros, faiscadores, ferreiros, latoeiros, pedreiros, sapateiros, seleiros, serralheiros e relojoeiros. A simples enunciação destas atividades expressa eloqüentemente a variedade das tarefas desenvolvidas pelos escravos e, também, mostra-nos os cativos a exercerem atividades que exigiam razoável nível de especialização.

No terciário, encontramos maiores discrepâncias tanto com respeito ao sexo quanto no referente ao posicionamento social. Os escravos apareciam representados somente entre os barbeiros, cozinheiros, jornaleiros (ocupação que exerciam com exclusividade), lavadeiras e quitandeiras.

Quanto ao sexo, o predomínio dos homens apresentava-se maciço. Nas atividades eclesiásticas e da administração civil não apareciam mulheres. Relativamente às profissões liberais contávamos com enfermeiras (em número de 2 *vis-à-vis* 5 homens) e parteiras.

No comércio o sexo feminino encontrava-se melhor representado -- considerados os negociantes de secos e/ou molhados contamos 45 mulheres de um total de 142. Com respeito aos quitandeiros computamos 36 mulheres e apenas 2 homens.

Nos transportes, a participação feminina mostrou-se de pequena monta.

Quanto aos "outros serviços", 2 caixeiras (de um total de 21), 4 criadas (a superar os

homens, em número de 3), 12 cozinheiras (entre 19) e 28 lavadeiras -- função exclusiva do sexo feminino.

Com referência aos homens, realce particular deve-se dar aos músicos, funcionários da administração civil, eclesiásticos, negociantes e, sobretudo, aos militares. Estes, em número de 125, representavam pouco menos de um quarto (23,23%) do total de homens enquadrados no terciário.

A repartição das pessoas para as quais se indicou a profissão, segundo faixas etárias correspondentes a crianças (0 a 14 anos), indivíduos em idade ativa (15 a 64 anos) e velhos (65 e mais anos), mostrou a eficácia dos intervalos etários considerados. Destarte, menos de 3% colocou-se no primeiro intervalo, pouco mais de 6% situou-se no terceiro, enquanto mais de 90% apareceu na faixa correspondente à idade ativa.

Quanto aos pobres, apresentou-se dominante o sexo feminino: 170 em 220, vale dizer que mais de três quartos (exatamente 77,27%) das pessoas identificadas como mendigos, pobres ou a viver de esmolas compunha-se de mulheres.

Verificou-se estar entre os indivíduos com mais de 50 anos o maior contingente de despossuídos - 58,06%. Para os menores de 20 anos observou-se a cifra de 6,45%. Destarte, as mulheres em idade avançada compunham a massa dos pobres.

Relativamente à cor predominaram os pretos e pardos (170 sobre 220 -- 77,27%), os brancos apareceram minoritariamente (18 em 220 -- 8,18%); para 14,55% foi impossível determinar a cor.

Em termos de estado civil dominaram os solteiros (ou aqueles que assim consideramos) com peso relativo correspondente a quatro quintos (80,45%) do total; a eles seguiram-se os viúvos (10,45%) e, por fim, os casados (9,10%).

Os elementos informativos coletados permitem a caracterização dos seis distritos componentes de Vila Rica.

Assim, em Antônio Dias e Ouro Preto concentrava-se a vida administrativa, militar e religiosa. Com pouco mais da metade (50,77%) da população da urbe, estes distritos contavam com quatro quintos dos militares (79,20%) e 85,52% dos demais integrantes da administração civil. Neles residiam 33 dos 40 eclesiásticos (82,50%) e 76,31% dos profissionais liberais, quatro quintos dos comerciantes (80,62%) e 78,98% das pessoas relacionadas em "outros serviços". Por outro lado, neles congregaram-se 49,76% da massa vinculada ao secundário e apenas 39,17% dos elementos enquadrados no setor primário.

O distrito do Padre Faria, com apenas 6,98% da população total, contribuía com a mais significativa parcela de roceiros, hortelãos e lavradores: 53,85% do total. No secundário predominavam fiscores e mineiros -- mais da metade (53,77%) dos moradores do Padre Faria, enquadrados no secundário, exerciam estas atividades.

No distrito do Morro, que contava com 14,56% da população ouro-pretana, dominavam os fiscores (em maior número que nos demais distritos) seguidos pelos mineiros. Este distrito -- *vis-à-vis* os demais, tomados isoladamente -- apresentava o maior número de pessoas relacionadas às duas atividades aludidas. Com respeito ao total de mineiros e fiscores representava, a quantidade encontrada no Morro, 36,40%. Com respeito aos indivíduos deste distrito, enquadrados no secundário, o percentual sobe a 79,80%.

No Alto da Cruz residia 11,87% da população ouro-pretense. Possuía este distrito setor terciário mais desenvolvido que os dois precedentemente analisados; o secundário apresentava-se mais diversificado, embora não se aproximasse da riqueza qualitativa e dos números relativos mais significantes encontrados no Ouro Preto e Antônio Dias. Os fiscadores e mineradores representavam 29,35% das pessoas vinculadas ao secundário.

Finalmente, o distrito das Cabeças -- com 15,82% dos habitantes da urbe -- revelava-se, proporcionalmente, menos rico do que o Alto da Cruz com respeito ao terciário. No entanto, no secundário, aparecia mais significativo o peso das atividades artesanais. Enquanto no Alto da Cruz, alfaiates, carpinteiros, ferreiros, latoeiros e sapateiros correspondiam a 55,96%, no distrito das Cabeças a cifra respectiva alcançava 70,58%. Por outro lado, os fiscadores e mineradores representavam apenas 11,76% das pessoas adstritas ao secundário.

#### **4. SOBRE A POSSE DE ESCRAVOS.**

O conhecimento da estrutura de posse dos cativos, além de lançar luz sobre a estratificação social vigente em qualquer sociedade escravista sob análise e representar valioso subsídio para o lineamento das atividades produtivas de maior significância em cada momento histórico, apresenta-se como elemento altamente relevante no estabelecimento do nível relativo de riqueza dos segmentos socioeconômicos em que se pode decompor qualquer comunidade considerada. À vista disso, evidencia-se claramente o substantivo contributo que trará ao entendimento das características da urbe em foco, a identificação da aludida estrutura.

Computamos, em Vila Rica, baseados no censo de 1804, 757 proprietários de escravos -- 475 indivíduos do sexo masculino e 282 mulheres. Considerada a parcela da população total correspondente a livres e forros com mais de 14 anos (1.705 homens e 2.383 elementos do sexo oposto) verifica-se que os senhores de escravos representavam 18,5% do número de adultos (aqui entendidos como aqueles com 15 ou mais anos). Dentre os homens, 27,9% possuíam escravos; para as mulheres a cifra atingia somente 11,8%.

Os cativos somavam 2.839 indivíduos. Tem-se, pois, uma média de 3,7 escravos por dono. Tomados isoladamente os seis distritos componentes de Vila Rica, revelam-se significativas variações em torno deste valor médio. No Ouro Preto e Alto da Cruz prevalecia o mínimo de 3,5%, enquanto em Cabeças observava-se o índice máximo: 4,8. Para classificarmos a estrutura de posse de escravos em Vila Rica e em cada um dos seus distritos faz-se necessária uma medida estatística de concentração; para tanto, recorreremos ao índice de Gini (21) (Cf. Tabela 1).

Tomando-se o total de proprietários e cativos encontramos para tal índice o valor de 0,502. Para os distritos, considerados isoladamente, encontramos significativas variações em torno da cifra acima anotada. Assim, verificou-se menor concentração nos distritos do Padre Faria (0,424) e Ouro Preto (0,437); o valor máximo correspondeu ao distrito de Cabeças (0,599); nas demais unidades distritais o aludido parâmetro assumiu níveis intermediários: 0,519 em Antônio Dias, 0,520 no distrito do Morro e 0,536 no Alto da Cruz.

**TABELA 1**  
**INDICADORES REFERENTES À POSSE DE ESCRAVOS**

## (VILA RICA - 1804)

<i>Distritos</i>	<i>Índice de Gini</i>	<i>Média</i>
Antônio Dias	0,519	3,6
Ouro Preto	0,437	3,5
Alto da Cruz	0,536	3,5
Cabeças	0,599	4,8
Padre Faria, Água Limpa e Taquaral	0,424	3,8
Morro	0,520	4,0
Total	0,502	3,7

Cabem, desde logo, algumas observações quanto aos valores acima arrolados. No distrito de Cabeças, o alto índice de concentração deveu-se à presença do Coronel José Velloso Carmo que vivia "de minerar com Fábrica" e possuía elevadíssimo número de escravos *vis-à-vis* a média vigente na urbe; tratava-se, como anotou H. G. Mathias, de "um dos últimos grandes mineradores da região conforme o testemunho de vários viajantes da época. Declarou ser solteiro e ter a seu serviço, quase todos ocupados nas lavras, nada menos de 88 escravos. Para orientar o trabalho desses homens, empregava dois feitores - Leonardo, de 72 anos e Antônio Machado, de 68 [...]. José Velloso Carmo também utilizava seus homens em obras públicas, tendo sido arrematante de vários serviços da cadeia, a partir de 1805" (22).

Com respeito ao Alto da Cruz outro minerador revelou-se grande proprietário de escravos, o Capitão Francisco Caetano Ribeiro; seus 69 escravos correspondiam a 24% do total de cativos do distrito.

No Morro, como já afirmado, predominavam os faiscadores e mineiros. Entre os últimos, apareciam 3 senhores com cerca de 22% do total de escravos do distrito o que correspondia a 58% dos cativos pertencentes aos mineradores ali residentes.

O índice de Antônio Dias explica-se, por um lado, pela presença de dignitários da administração pública e militar e, por outro, pelo significativo número de cativos pertencentes a reduzido número de proprietários.

A distribuição existente no Padre Faria, local em que se verificou o menor Índice de Gini, justifica-se pela inexistência de grandes proprietários de escravos. A massa de senhores compunha-se, ao que parece, de indivíduos de medianas posses. Por outro lado, embora aí residissem muitos mineiros e faiscadores, a parcela deles que era possuidora de escravos revelou-se ínfima. Possivelmente, a elevada razão de masculinidade dos escravos ali observada (217,31 -- a maior de Vila Rica) devia-se ao fato de os cativos destinarem-se, predominantemente, a fainas produtivas vinculadas ao secundário, sendo reduzido o número de escravas ocupadas no serviço caseiro.

No distrito de Ouro Preto, cujo índice mostrou-se pouco superior ao do Padre Faria e abaixo do vigente na urbe, inexistiam mineiros, os lavradores mostravam-se praticamente ausentes e não ocorriam grandes proprietários. Os escravos distribuíam-se entre uma gama variada de senhores -- desde altos funcionários da administração pública e militar até elementos forros -- sem que se verificassem grandes discrepâncias no número médio de cativos pertencentes a cada segmento de proprietários.

Evidentemente, poder-se-ia argüir os elementos explicativos arrolados acima com base em seu caráter *ad hoc*. No entanto, a análise a nível mais desagregado parece confirmar o conteúdo substantivo dos argumentos aludidos. Para tanto, vejamos o que nos revelam

os dados anotados na Tabela 2 (23).

**TABELA 2**  
**MÉDIA DE ESCRAVOS POR PROPRIETÁRIO**  
**(VILA RICA - 1804)**

<i>Segmentos socioeconômicos</i>	<i>Distritos</i>						<i>Vila Rica(Total)</i>		
	<i>A.D.</i> (1)	<i>O.P.</i> (1)	<i>A.C.</i> (1)	<i>CB.</i> (1)	<i>P.F./A.L./TA.</i> (1)	<i>MO.</i> (1)	(1)	(2)	(3)
Mineiros	2,0	---	1,8	126,0	3,0	9,6	11,8	3,0	9,6
Faiscadores	2,0	---	2,0	---	2,5	1,8	2,0	1,3	0,7
Agricultores	10,3	3,0	69,0	9,0	6,5	6,0	13,0	1,4	5,0
Artesãos	2,7	3,8	2,6	3,1	2,8	2,3	3,0	16,6	13,5
Comerciantes	1,8	3,1	3,0	3,6	4,0	1,0	2,9	10,4	8,0
Funcionários	4,5	4,4	2,5	2,7	---	3,0	4,2	6,8	7,7
Eclesiásticos	4,0	4,6	4,0	6,5	7,0	7,0	4,9	4,2	5,4
Patentes	4,3	5,0	2,2	13,0	4,0	3,8	4,8	9,6	2,5
Forros	2,5	2,2	---	2,0	---	---	2,2	2,9	1,7
Outros	4,5	3,5	2,7	4,9	2,3	2,0	3,4	9,6	8,6
Indeterminados	4,0	2,8	3,0	2,5	4,2	2,9	3,0	34,2	27,3
<b>Total</b>	<b>3,6</b>	<b>3,5</b>	<b>3,5</b>	<b>4,8</b>	<b>3,8</b>	<b>4,0</b>	<b>3,7</b>	<b>100</b>	<b>100</b>

Obs.: A.D. = Antônio Dias; OP. = Ouro Preto; A.C. = Alto da Cruz; CB. = Cabeças; P.F./A.L./TA. = Padre Faria/Água Limpa/Taquaral; MO. = Morro.  
(1) Média de escravos por proprietário.  
(2) Porcentagem dos proprietários do segmento sobre o total de proprietários.  
(3) Porcentagem dos escravos pertencentes ao segmento sobre o total de escravos.

Consideremos, inicialmente, os segmentos referentes aos mineiros e agricultores. Chama-nos a atenção, desde logo, o elevado número médio de cativos correspondente a estes dois grupos (11,8 e 13,0, respectivamente). Tais cifras apresentam-se excêntricas em relação às prevalentes para as outras categorias e, em conseqüência, muito superiores ao número médio -- de 3,7 cativos por proprietário -- referente à totalidade dos distritos componentes da área urbana de Vila Rica.

Mesmo se efetuássemos ajustes cabíveis, ou seja, caso eliminássemos da população 2 senhores --- um minerador e outro agricultor -- possuidores de, respectivamente, 126 e 69 cativos (números a discrepar excessivamente dos padrões vigentes na comunidade em foco), ainda chegaríamos a valores médios muito superiores aos dos demais segmentos: 6,6 para os mineiros e 7,4, para agricultores. Tais atividades permitiam, portanto, ainda que para reduzida parcela dos elementos a elas vinculados, a manutenção de número razoável de escravos. Por outro lado, devemos lembrar que, por sua própria natureza, tanto a lide agrícola como a mineira tendiam a utilizar intensivamente o fator trabalho.

Como seria de se esperar, aos fiscadores cabia número médio de cativos muito inferior àquele relativo aos mineiros (2,0 versus 11,8). Ademais, da massa de escravos, somente 0,7% achava-se em poder dos proprietários ocupados com a fiscoação -- estes, por sua vez, representavam 1,3% do número total de indivíduos possuidores de escravos. Por outro lado, os mineiros -- 3,0% dos proprietários -- detinham 9,6% da escravaria.

As diferenças entre mineradores e fiscadores -- como já amplamente explorado pela historiografia brasileira -- diziam respeito, sobretudo, ao processo evolutivo da faina exploratória. Assim, a presença de fiscadores marcava a própria decadência da mineração. As evidências empíricas encontradas no censo em estudo confirmam sobejamente tal assertiva. Destarte, do total de pessoas voltadas a estas duas atividades, pouco mais de um quarto (25,8%) anotou-se como mineiros. A grande massa, portanto, compunha-se de fiscadores.

Um significativo indicador da disparidade econômica existente entre as categorias em questão consubstancia-se na parcela dos indivíduos que, de cada uma delas, apresentaram-se como senhores de escravos. Enquanto para o total de mineiros os proprietários correspondiam a 39%, apenas 6% dos fiscadores declararam possuir cativos.

Analisemos duas outras categorias econômicas -- artesãos e comerciantes -- altamente representativas, tanto em termos do peso relativo de proprietários (27%), como da parcela de escravos a elas adstrita -- 21,5%. Nestes segmentos, relativamente aos demais, os cativos distribuíam-se mais harmoniosamente; disto deveriam decorrer as pequenas oscilações do número médio de cativos por proprietário entre os seis distritos considerados.

O modesto número médio de cativos por senhor -- 2,9 para comerciantes e 3,0 correspondente aos artesãos --, aliado ao ponderável peso relativo destas categorias, tanto sobre o total de proprietários quanto com respeito à escravaria, patenteia, por um lado, a existência de avultada quantidade de pequenos negócios e, por outro, o caráter francamente cidadão de Vila Rica.

Tal asserção vê-se corroborada pela maciça presença de funcionários, eclesiásticos e indivíduos detentores de patentes. Em conjunto estas categorias -- que desempenhavam papel de grande importância na sociedade estamental do Brasil Colônia -- representavam 20,6% dos proprietários e possuíam pouco mais de um quarto (25,6%) da escravaria. De modo geral com respeito aos distritos, e estritamente válido para a vila como um todo, os segmentos em foco detinham, *de per si*, maior número médio de cativos por senhor do que o verificado para artesãos e comerciantes.

Finalmente, ocupemo-nos dos indivíduos explicitamente qualificados como forros. Concentrados em Antônio Dias e Ouro Preto, atingiam 2,9% dos proprietários e controlavam 1,7% da massa de cativos. O número médio de escravos por senhor forro (2,2) colocava-se muito abaixo das cifras correspondentes aos outros segmentos, exceto os fiscadores (2,0). Quanto ao percentual da escravaria suplantavam tão-somente à dos fiscadores (1,7% contra 0,7%); cifras a divergir grandemente das prevalecentes para as demais categorias. Daí poder-se concluir que, embora estivesse aberta aos forros a possibilidade de possuírem escravos, a posição relativa por eles ocupada revelava-se das mais modestas.

Parece-nos ocioso sumariar as conclusões que, passo a passo, expusemos no correr deste trabalho. Acreditamos termos evidenciado a possibilidade e importância de pesquisas referentes à própria sociedade mineira e às demais economias vigentes no

período colonial brasileiro. O confronto entre os resultados de nosso estudo e aqueles oferecidos por futuros trabalhos sobre a época do ouro e diamantes possibilitar-nos-á avaliar as similitudes e dessemelhanças das estruturas populacionais dos inúmeros núcleos da área em apreço, oferecendo-nos, ademais, o balizamento necessário à formulação de hipóteses abrangentes, capazes de compor um quadro teórico explicativo do comportamento "demoeconômico" da sociedade mineira.

**TABELA 3**  
**REPARTIÇÃO DOS HABITANTES POR SETORES PRODUTIVOS**  
**SEGUNDO ATIVIDADES, SEXO E SITUAÇÃO SOCIAL**

Setores e Atividades	Sexo		Situação social		Total
	H	M	Livres	Escravos	
<i>I - Setor Primário</i>					
Roceiros, Lavradores e Hortelãos	27	51	77	1	78
Lenheiros	41	-	7	34	41
Caçador	1	-	1	-	1
Total	69	51	85	35	120
<i>II - Setor Secundário</i>					
Alfaiates e Aprendizes	113	-	106	7	113
Armeiro	1	-	1	-	1
Almofaris	1	-	1	-	1
Costureiras e Aprendizes	-	93	92	1	93
Carpinteiros	69	-	61	8	69
Capineiros	11	-	3	8	11
Caldeiros e Aprendizes	7	-	7	-	7
Chupeteiros	2	-	2	-	2
Canteiro	1	-	1	-	1
Coronheiro	1	-	1	-	1
Cirreiro	1	-	1	-	1
Doceira	-	1	1	-	1
Entalhador	1	-	1	-	1
Esteireiro	1	-	-	1	1
Ensaaiador e Praticante	2	-	2	-	2
Encadernador	1	-	1	-	1
Fiandeiras	-	24	24	-	24
Fogueteiros	2	-	2	-	2
Funileiro	1	-	1	-	1
Fundidores	6	-	6	-	6
Faiscadores	130	39	148	21	169
Ferradores e Aprendizes	9	-	9	-	9
Ferreiros e Aprendizes	48	-	42	6	48
Latoeiros e Aprendizes	51	-	48	3	51
Marceneiros	8	-	8	-	8
Madeireiros	3	-	3	-	3
Mineiros	42	17	58	1	59
Oleiro	1	-	1	-	1
Pedreiros e Serventes	31	-	24	7	31
Pintores	7	-	7	-	7

Padeiros	1	4	5	-	5
Relojoeiros	3	-	2	1	3
Rendeira	-	1	1	-	1
Sapateiros e Aprendizizes	145	-	123	22	145
Seleiros e Aprendizizes	13	-	11	2	13
Sirgueiros e Aprendizizes	3	-	3	-	3
Serralheiros	5	-	3	2	5
Serrador	1	-	1	-	1
Sombreireiro	1	-	1	-	1
Torneiros	3	-	3	-	3
Tintureiros	3	1	4	-	4
Tecedores	1	4	5	-	5
Total	730	184	824	90	914

### III - Setor Terciário

#### III.1 Profissões Liberais

Advogados e Solicitadores	10	-	10	-	10
Boticários	7	-	7	-	7
Cirurgiões e Médicos	7	-	7	-	7
Enfermeiros	5	2	7	-	7
Escultores	3	-	3	-	3
Músicos e Aprendizizes	31	-	31	-	31
Parteiras	-	2	2	-	2
Requerentes	4	-	4	-	4
Tabeliões	5	-	5	-	5

#### III.2 Igreja

Eclesiásticos	40	-	40	-	40
Sacristães	7	-	7	-	7

#### III.3 Administração Civil

Alcaide	1	-	1	-	1
Carcereiro	1	-	1	-	1
Contadoria - Oficial e Ajudantes	5	-	5	-	5
Escrivões, Escreventes e Escriurários	27	-	27	-	27
Funcionários em Geral	28	-	28	-	28
Militares	125	-	125	-	125
Meirinhos	8	-	8	-	8
Porteiros	2	-	2	-	2
Professores	4	-	4	-	4

#### III.4 Comércio

Botequineiro	1	-	1	-	1
Estalajadeiros	7	-	7	-	7
Mascates	3	-	3	-	3
Negociantes em Geral	62	43	105	-	105
Fazenda Seca	21	2	23	-	23
Fazenda Molhados	14	-	14	-	14
Quitandeiros	2	36	23	15	38

#### III.5 Transporte

Boleeiro	1	-	1	-	1
Carreiros e Carreteiros	10	2	12	-	12
Carregadores	2	-	2	-	2
Tropeiros	3	-	3	-	3

#### III.6 Outros Serviços

Andadores	7	-	7	-	7
Barbeiros e Cabeleireiros	18	-	14	4	18
Caixeiros	19	2	21	-	21
Cobrades	13	-	13	-	13
Criados	3	4	7	-	7

Cozinheiros	7	12	2	17	19
Feitores ou Administradores	14	-	14	-	14
Jornaleiros	7	-	-	7	7
Lavadeiras	-	28	25	3	28
Viajantes	4	-	4	-	4
Total	538	133	625	46	671
Total Geral	1.337	368	1.534	171	1.705

---

Obs.: Computados apenas os habitantes para os quais se explicitou a atividade.

## NOTAS

- <sup>1</sup> SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*. Trad. Vivaldi Moreira. São Paulo, Itatiaia e Editora da USP, 1975, XII + 378 pp. (Coleção Reconquista do Brasil, v. 4). ESCHWEGE, W.L. von. *Pluto Brasiliensis*. São Paulo, Editora Nacional, s/d., 377 pp. e 469 pp., 2 V., il. (Brasília, Biblioteca Pedagógica Brasileira, 257 e 257-A). MAWE, John. *Viagens ao Interior do Brasil*. Trad. de Solena Benevides Viana. Rio de Janeiro, Zélio Valverde, 1944, 347 pp., il. RUGENDAS, João Maurício. *Viagem Pitoresca Através do Brasil*. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo, Martins e Editora da USP, 161 pp., il. (Biblioteca Histórica Brasileira).
- <sup>2</sup> SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Op. cit.*, p. 80.
- <sup>3</sup> A situação de penúria deste nosocômio já fora denunciada no começo do último quartel do século XVIII: "Esta casa ao presente é muito pobre por ser pequeno o seu patrimônio, porém os Exmos. Governadores, a socorreram sempre, concedendo grandes privilégios, a um homem de cada freguesia, para nela pedirem para a Santa Casa, e cada um destes além das esmolos que tirava, concorria da sua parte, com o que podia, só a fim de aparecer com avultada esmola, para lhes serem conservados os seus privilégios. Estes foram abolidos por alguns governadores, e os que lhes sucederam não se lembraram mais de os conceder, em benefício tão Pio, vindo com esta falta a deteriorar-se a Misericórdia, e se acha no estado mais miserável". ROCHA, José Joaquim da. "Memória Histórica da Capitania de Minas Gerais". *Revista do Arquivo Público Mineiro*. Ouro Preto, Imprensa Oficial de Minas Gerais, 2 (3), 1897.
- <sup>4</sup> Lembremos as palavras de Caio Prado Júnior: "As regiões mineradoras não eram, em conjunto, favoráveis nem à agricultura nem à pecuária. O relevo acidentado, a natureza ingrata do solo se opunham a tais indústrias". PRADO JÚNIOR, Caio. *Formação do Brasil Contemporâneo, Colônia*. 8a. ed. São Paulo, Brasiliense, 1965, p. 51.
- <sup>5</sup> MAWE, John. *Op. cit.*, p. 177.
- <sup>6</sup> "Se, porém, fizermos observações completas e procedermos com seriedade a pesquisas geológicas acuradas, chegaremos à conclusão de que é falsa tal opinião, e que aquelas regiões, tidas como pobres, continuam ainda muito ricas, pois só foi extraído, por ser mais fácil, o ouro da superfície, permanecendo intatos os vieiros e depósitos auríferos principais". ESCHWEGE, W.L. von. *Op. cit.*, v. 2, p. 242.
- <sup>7</sup> "A inexistência de boas estradas constituiu grande empecilho ao povoamento rápido, e, ainda hoje, é uma das razões do quase nenhum progresso das províncias centrais". ESCHWEGE, W.L. von. *Op. cit.*, v. 1, p. 41.
- <sup>8</sup> MATHIAS, Herculano Gomes. *Um Recenseamento na Capitania de Minas Gerais (Vila Rica - 1804)*. Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, 1969, XXXVI + 209 pp., il.
- <sup>9</sup> O material publicado faz parte do acervo de documentos manuscritos de Ouro Preto, transferidos, em 1913, para o Rio de Janeiro.
- <sup>10</sup> MATHIAS, Herculano Gomes. *Op. cit.*, p. 202.
- <sup>11</sup> Para efeitos estatísticos agrupamos, neste estudo, escravos e quartados; procedimento que em nada altera os resultados obtidos, pois encontramos apenas 2 quartados em u'a massa de 171 escravos e quartados para os quais se especificou a profissão.
- <sup>12</sup> Esta qualificação apareceu apenas no distrito de Ouro Preto, cujo recenseador mostrou-se o mais minucioso na indicação das atividades e ofícios, tanto de livres como de cativos. Assim, computamos 366 escravos destinados ao "serviço da casa", quantidade que corresponde a 13,15% do total de cativos da urbe e a 35,22% dos escravos do distrito em foco.
- <sup>13</sup> Para os distritos de Antônio Dias, Alto da Cruz e Morro não constou qualificação para escravo algum. Com respeito ao Padre Faria e Cabeças os recenseadores apenas indicaram atividades para escravos que exerciam algum ofício. Para o de Ouro Preto, como já anotado, contamos com maior riqueza de pormenores; neste distrito o recenseador anotou, para livres e escravos, atividades, funções, ofícios e, ainda, a circunstância de tratar-se, o recenseado, de aprendiz.
- <sup>14</sup> Temos, portanto, para os escravos a seguinte distribuição: 6,14% com atividades produtivas claramente

definidas, 13,15% ocupados no "serviço da casa" e os restantes 80,71% sem especificação ocupacional.

- <sup>15</sup> REIS FILHO, Nestor Goulart. *Contribuição ao Estudo da Evolução Urbana do Brasil -(1500/1720)*. São Paulo, Pioneira e Editora da USP, 1968, p. 65, il.
- <sup>16</sup> FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos, Decadência do Patriarcado Rural e Desenvolvimento do Urbano*. 2a. ed., Rio de Janeiro, José Olympio, 1951, v. 1, pp. 119-120 (Coleção Documentos Brasileiros, 66).
- <sup>17</sup> IGLÉSIAS, Francisco. "Minas Gerais, Pólo de Desenvolvimento no Século XVIII" - *Primeira Semana de Estudos Históricos (O Brasil Século XVIII - O Século Mineiro)*. Minas Gerais, Ponte Nova, 1972, pp. 98-99.
- <sup>18</sup> IGLÉSIAS, Francisco. Minas Gerais. In: HOLANDA, Sérgio Buarque (org.) *História Geral da Civilização Brasileira*. São Paulo, DIFEL, 1972, p. 371, t. 2, v. 2, livro 4, cap. 3.
- <sup>19</sup> Deve-se ter presente que as atribuições de livres e escravos, como veremos adiante, diferiam -- como no caso de homens e mulheres -- pela sua natureza.
- <sup>20</sup> Outro elemento explicativo da divisão de trabalho entre os sexos relaciona-se ao fato de as mulheres necessitarem, quando a exercer atividades produtivas, cuidar, concomitantemente, dos serviços caseiros e, eventualmente, da prole.
- <sup>21</sup> O Índice de Gini corresponde a um coeficiente estatístico largamente utilizado para medir concentração de renda ou riqueza. Constitui, na verdade, a relação entre áreas de um quadrado, construído de forma a representar, num dos eixos (o horizontal), a população segmentada em *percentis* e no outro (o vertical), a riqueza ou renda (também dividida em *percentis* da coletividade estudada). Caso os detentores da renda (ou riqueza) e esta se distribuíssem de maneira absolutamente igualitária, a cada ponto do eixo horizontal corresponderia um outro na diagonal do quadrado. Como geralmente isso não ocorre, quando se plotam esses valores no quadrado, obtém-se uma curva, chamada de "Lorentz". Dividindo a área entre a curva de "Lorentz" e a diagonal pela área triangular sob a diagonal, determina-se o Índice de Gini. Dessa forma, quanto mais regularmente se distribui a renda ou riqueza, mais próximo de zero estará o valor do índice (zero no limite). Correlatamente, quanto mais concentrada estiver a riqueza ou a renda maior será o valor do aludido Índice que, no máximo, iguala-se à unidade.
- <sup>22</sup> MATHIAS, Herculano Gomes. *Op. cit.*, p. xxx.
- <sup>23</sup> Neste trabalho efetuamos a categorização dos proprietários de escravos de forma a realçar as atividades econômicas mais freqüentes e distinguir, para efeitos meramente analíticos, alguns segmentos socioeconômicos que, por sua importância ou peculiaridade, merecem tratamento específico. Como exemplo podemos citar os forros que, pelas características da lide mineira, tornaram-se expressivos como parcela da população colonial e enquanto possuidores de cativos.